



CHILE / No dia seguinte ao triunfo nas urnas, Gabriel Boric se reúne com o presidente Sebastián Piñera e começa a transição de poder. Líder mais jovem da história do país terá vários desafios, como acompanhar redação da nova Constituição

Sem tempo a perder

» RODRIGO CRAVEIRO

Gabriel Boric, 35 anos, o presidente eleito mais jovem da história do Chile, somente tomará posse em 11 de março, quando o país consolidará a guinada da direita para a esquerda. No dia seguinte à vitória sobre o ultradireitista José Antonio Kast, Boric visitou, ontem, o Palácio de La Moneda, onde se reuniu com o atual chefe de Estado, Sebastián Piñera (direita). O anfitrião prometeu que o novo ocupante da cadeira presidencial terá a “total colaboração construtiva” do atual governo. Boric e Piñera mantiveram uma reunião privada por cerca de 30 minutos, na qual discutiram temas de Estado, assuntos internacionais e violações dos direitos humanos, segundo o jornal *El Mercurio*.

Boric externou ao atual presidente sua preocupação em relação à impunidade dos crimes ocorridos durante o regime do general Augusto Pinochet e “das graves violações aos direitos humanos” ocorridas durante o levante social de outubro de 2019. O presidente eleito prometeu acelerar a definição de seu gabinete, em resposta às incertezas do mercado, que entrou em pânico depois da vitória do candidato da esquerda.

O peso chileno fechou o dia com uma desvalorização de 3,4%, para 876 pesos por dólar, seu maior valor histórico, enquanto a Bolsa de Valores de Santiago teve queda de 6,18% em seu principal indicador, o IPSA. Até o fechamento desta edição, com 99,99% das urnas apuradas, Boric tinha 55,87% dos votos contra 44,13% para Kast. A diferença de mais de 11 pontos percentuais também causou apreensão no mercado.

Para Marcelo Mella, cientista político da Universidad de Santiago de Chile, Boric enfrentará dois tipos de desafios depois de assumir o poder. “O primeiro, de curto prazo, corresponde a decisões que ele precisará tomar de maneira muito urgente para responder à crise sociopolítica chilena e aos efeitos da pandemia da covid-19. Por exemplo, o governo Boric terá que decidir rapidamente sobre os gastos públicos suportados pelo governo. O aumento desses gastos contribui com um déficit fiscal nunca visto desde 1989”, afirmou ao **Correio**. “O segundo desafio é restabelecer a ordem em certas regiões do país, onde há elevados índices de violência, como a zona de Araucanía, onde o conflito mapuche se aprofundou.”

Tecnocratas

Mella também vê a necessidade de definições sobre a política migratória. A médio e a longo prazos, Boric precisará mediar a Convenção Constitucional, para que apresente um rascunho da Carta Magna em meados de 2022. Um grande desafio será reduzir o desemprego. O especialista acredita que o novo presidente nomeará para os ministérios vários políticos independentes e alguns tecnocratas da centro-esquerda. “Na configuração inicial, o governo

Marcelo Segura/Presidência do Chile/AFP



Boric (D) com Piñera, no Palácio de La Moneda: presidente direitista pediu a opinião do sucessor sobre temas internacionais

Eu acho...



“Boric é explícito na defesa dos direitos humanos e na crítica ao neoliberalismo. Ainda há impunidade em muitos crimes da ditadura de Pinochet. Além de ser uma ruptura radical com o regime militar, Boric representa os setores sociais e políticos que denunciaram a ditadura. Seu triunfo é a vitória de falar das coisas pelo nome que elas têm.”

Alberto Harambour, historiador da Universidad Austral de Chile (em Valdivia)



“O triunfo de Boric representa a vitória da esperança sobre o medo, sobre o retorno a um passado que todos os chilenos queremos deixar para trás. É a esperança por construirmos um país mais inclusivo para os povos originários (indígenas) e para as mulheres, a fim de que tenham, verdadeiramente, plenos direitos.”

Tomás Hirsch, deputado do Partido Acción Humanista (esquerda)

Boric deverá ter orientação social-democrata. É muito provável que as pastas ligadas à Economia sejam ocupadas por pessoas com experiência no Estado”, aposta.

Ainda de acordo com Mella, Boric terá pela frente dois riscos: o transbordamento de demandas, fruto de uma base de apoio muito diversa e de

interesses amplo; e o fato de que a recuperação econômica ficará aquém do esperado em 2022. “O presidente Boric não poderá cumprir com as metas de arrecadação fiscal, de controle da inflação ou de criação de empregos.”

Historiador da Universidad Austral de Chile (em Valdivia), Alberto Harambour explicou que a vitória de Boric é

resultado da massiva mobilização eleitoral de grupos que dificilmente saíam para votar. “Teve gente que votou pela primeira vez, o que voltou a exercer o direito depois de muito medo, além daqueles que se identificam com a Frente Ampla e o Partido Comunista. Os adeptos da antiga Concertación — coalizão de partidos de esquerda, de centro-esquerda e de centro que governou o Chile de 1990 a 2010 — também se expressaram nas urnas, denunciando o esgotamento da Pax Neoliberal: ‘Não são 30 pesos, são 30 anos’, como dizia o slogan da revolta de outubro de 2019”, afirmou à reportagem. “A eles somaram-se aqueles que sentem temor pela ultradireita, simpatizantes da ex-presidente Michelle Bachelet e militantes de partidos tradicionais da centro-esquerda.”

Harambour prevê um gabinete com amplo espectro político, representativo das classes que estão por trás da mobilização eleitoral e social dos últimos anos. “Será um gabinete muito mais próximo da diversidade da Convenção Constituinte do que do conservadorismo do Senado”, opinou. Ele aposta que o principal desafio do novo presidente será responder a demandas amplas e ambiciosas pela justiça social e apaziguar a recusa dos mais ricos em contribuir com arrecadação fiscal, além de empreender o funcionamento democrático das instituições. “Nesse equilíbrio, que deve resolver a favor dos mais pobres e excluídos, está a grande tensão de Boric”, disse.

Arquivo pessoal



Um pé na Croácia

As últimas 48 horas foram de orgulho para Ugljan, ilha da Croácia situada no Mar Adriático. Ali, viveram antepassados de Gabriel Boric. Um dos parentes distantes, Domagoj Kombura (foto), 37 anos, disse ao **Correio** que esteve com o presidente eleito do Chile em 2010, quando ele visitou a ilha. “Minha falecida avó Vilma tinha o sobrenome Boric. O avô dela teve dois irmãos que se mudaram para o Chile, 120 anos atrás. Um deles era o bisavô de Gabriel”, contou. “Todos estamos muito felizes, embora não haja mais de 100 parentes de Gabriel em Ugljan.” O “primo” distante define Gabriel Boric como uma pessoa “muito determinada e calma”. “Quando esteve aqui, ele tinha 25 anos e falava que quando voltasse ao Chile iniciaria um levante estudantil. Nós o escutamos com um sorriso, mesmo quando Gabriel disse que um dia seria presidente.”

Arquivo pessoal



Missão precoce

Aos 35 anos, Boric entra para a lista dos governantes mais jovens do mundo. Giacomo Simoncini, atualmente o líder mais jovem de um país, se tornou em outubro, aos 26 anos, um dos capitães-regentes deste microestado localizado na península italiana. Na Finlândia, a premiê social-democrata Sanna Marin (foto) chegou ao poder, em 2019, aos 34 anos. O atual presidente de El Salvador, Nayib Bukele, assumiu o governo em 2019, aos 37.

COVID-19

OMS prevê fim da pandemia em 2022

O diretor-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS) afirmou que 2022 deverá ser o ano “em que acabaremos com a pandemia”. Tedros Adhanom Ghebreyesus fez a previsão durante entrevista coletiva em Genebra. Ele também defendeu a redução da desigualdade no acesso às vacinas.

Com o surgimento da variante ômicron, detectada na África do Sul em novembro e muito mais contagiosa, países enfrentam uma quinta onda de covid-19 e apertam as restrições. O chefe da OMS alertou para os riscos das reuniões familiares neste período de festas.

“No próximo ano, a OMS está empenhada em fazer todo o possível para acabar com a pandemia”, acrescentou. “Se quisermos acabar com ela, devemos acabar com a desigualdade (no acesso às vacinas), garantindo que 70% da população de todos os países esteja vacinada até meados do ano que vem”, disse Tedros.

Cidades do nordeste dos EUA registram um alarmante aumento no número de casos da covid-19, fenômeno abastecido pela ômicron. Em Nova York, os novos registros de infecções aumentaram 80% ao longo das duas últimas semanas. Filas imensas de cidadãos para realizar o teste PCR se formaram na Times Square, um dos pontos turísticos mais frequentados de Manhattan. Em Washington, o número de contágios diários é três vezes maior do que os registrados no começo do mês.

A variante ômicron se tornou amplamente dominante no país, respondendo por 73,25% das novas infecções por covid-19 durante a semana encerrada em 18 de dezembro, de acordo com dados das autoridades sanitárias. A cepa representa 96,3% dos novos casos em três estados do noroeste (Oregon, Washington e Idaho).

O presidente Joe Biden deve discursar hoje à nação sobre a ameaça

representada pela ômicron. “Vamos ter semanas ou meses difíceis, à medida que nos aproximamos do inverno no Hemisfério Norte”, admitiu o infectologista Anthony Fauci, assessor de Biden para a crise sanitária. Ontem, Jen Psaki, porta-voz da Casa Branca, descartou que o presidente anunciaria um “confinamento”. “Este não é um discurso sobre confinar o país. Este é um discurso para ressaltar e ser direto e claro com os americanos sobre os benefícios de estar vacinados.”

Europa

No dia em que teve divulgada uma foto na qual aparece em uma reunião social durante o lockdown, o premiê do Reino Unido, Boris Johnson, disse que se reserva a possibilidade de impor novas restrições antes do Natal. Ontem, 91.743 casos da covid-19

Ed Jones/AFP



Fila na Times Square, em Nova York, para testes de detecção do coronavírus

foram registrados em 24 horas — o segundo número mais alto desde o início da pandemia. Pelo menos 12 mortes são atribuídas à ômicron no Reino Unido. Por sua vez, Portugal realizará,

hoje, um encontro extraordinário do Conselho de Ministros para decidir sobre medidas de isolamento social. A informação foi divulgada, ontem, pelo jornal *Público*.